
Figueira, J. & Santos, S. (Orgs.) (2020). *As Fake News e a Nova Ordem (Des)Informativa na era da Pós-Verdade*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra. 283 pp. ISBN: 978-989-26-1777-0

Carlos Camponez

**Edição electrónica**URL: <http://journals.openedition.org/cp/7587>

DOI: 10.4000/cp.7587

ISSN: 2183-2269

Editora

Escola Superior de Comunicação Social

Referência eletrónica

Carlos Camponez, « Figueira, J. & Santos, S. (Orgs.) (2020). *As Fake News e a Nova Ordem (Des)Informativa na era da Pós-Verdade*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra. 283 pp. ISBN: 978-989-26-1777-0 », *Comunicação Pública* [Online], Vol. 15 nº 28 | 2020, posto online no dia 29 junho 2020, consultado o 15 dezembro 2020. URL : <http://journals.openedition.org/cp/7587> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/cp.7587>

Este documento foi criado de forma automática no dia 15 dezembro 2020.



Comunicação Pública Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.

Figueira, J. & Santos, S. (Orgs.)
(2020). *As Fake News e a Nova Ordem
(Des)Informativa na era da Pós-
Verdade*. Coimbra: Imprensa da
Universidade de Coimbra. 283 pp.
ISBN: 978-989-26-1777-0

Carlos Camponez

REFERÊNCIA

Figueira, J. & Santos, S. (Orgs.), *As Fake News e a Nova Ordem (Des)Informativa na era da Pós-Verdade*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 283 pp., ISBN: 978-989-26-1777-0

NOTA DO EDITOR

Recebido: 12 de Junho de 2020

Aceite para publicação: 16 de Junho de 2020

- 1 Resultado de um conjunto de reflexões de autores lusos e brasileiros, *As Fake News e a nova ordem (des)informativa na era da pós-verdade* apresenta-se nos num misto de livro coletivo de autores e de uma edição especial de uma revista científica. Esta abordagem representa, a nosso ver, aquele que é o seu ponto mais forte e mais frágil: frágil porque implica, naturalmente, que haja temas de enquadramento recorrentes ao longo do livro, sem com isso representarem um avanço na discussão; forte porque estamos

perante um tema que tem tudo a ganhar em ser perspectivado cientificamente de forma plural, transversal e a partir de diferentes metodologias.

- 2 A abordagem que é aqui realizada resulta das Ciências Sociais e Humanas. Dentro destas, predomina o olhar das Ciências da Comunicação, mas a Filosofia e a Sociologia deixam uma marca indelével, numa publicação que se posiciona como uma referência do pensamento em língua portuguesa sobre as *fake news*.
- 3 O tratamento do tema, realizado sob a coordenação de João Figueira e Sílvio Santos, da Universidade de Coimbra, sugere-nos que olhemos as *fake news* na sua complexidade, muito para além da veracidade/falsidade das notícias. As abordagens mostram bem como as notícias são muito mais do que as suas *estórias* sobre o quotidiano ou a tentativa de registar um primeiro rascunho da história. Bastou juntar-lhes o adjetivo *falsas* para a discussão em torno das notícias rapidamente extravasar para as suas implicações em domínios como a política, a cultura moderna e contemporânea, a ideologia, a opinião pública, a qualidade da democracia e os modos como vemos e tentamos compreender e ordenar o mundo à nossa volta. E, como não poderia deixar de ser, para nos fazer regressar ao problema dos fundamentos do jornalismo e do papel da informação de qualidade no espaço público contemporâneo. Como aqui fica demonstrado, as notícias não são, pois, apenas narrativas do quotidiano; são parte desse quotidiano e, por isso, precisam de ser discutidas.
- 4 A leitura que fizemos identificou quatro noções fundamentais que, em nosso entender, atravessam todo livro: a política; a opinião pública; as *fake news*; e o jornalismo.
- 5 **Sobre a política**
- 6 Recordando e expressão de Rawls sobre a “união das uniões sociais”, Alexandre Sá mostra-nos como a ideia de sociedade sempre esbarrou na dificuldade maior de conseguir consensualizar uma legitimidade que dê fundamento a um projeto comum de “liberdade” e “felicidade”, para recordar a expressão da declaração de independência dos Estados Unidos da América.
- 7 Para Hobbes, essa legitimidade radica no soberano absoluto; para Rousseau, na soberania do povo, expressa na figura do legislador; para os marxistas, no Partido enquanto guia da realização da sociedade sem classes; para o nazismo, na “visão do mundo” de Hitler; para as democracias, na opinião pública e na vontade coletiva gerada pela livre circulação das ideias e nos processos de manufatura do consenso.
- 8 A partir de Ciro Marcondes podemos verificar como as grandes metanarrativas da modernidade mitigaram a questão da hegemonia em torno de projetos políticos coletivos, na medida em que a política era entendida como o reflexo desse espaço “de contenda onde se digladiavam forças opostas” (p.25) e – acrescentaríamos nós – numa relação de forças hegemónicas e contra-hegemónicas. Com o estilhaçamento dos ideais coletivos na pós-modernidade e com a ascensão dos individualismos e das identidades, a hegemonia adquire mais claramente uma dimensão problemática no espaço público, ameaçando o próprio *ethos* político.
- 9 **Sobre o espaço público**
- 10 Nos textos de Carla Baptista, de Ciro Marcondes e Juremir Silva, por exemplo, identificamos a dimensão da crise desse *ethos*, através da ideia de “patologização” da esfera pública. A esfera pública, enquanto ideal de participação aberto a todos, livre, expurgado de interesses privados, racional e em busca da verdade e do melhor argumento, é vista, hoje, na era da pós-verdade, como um lugar de ódio, de truculência

e celeuma, de ataque indiscriminado e destruição de reputações, com objetivos de gerar confusão e impedir o discernimento e, de uma forma geral, visando a obtenção de vantagens próprias com o prejuízo alheio e coletivo.

- 11 Nesta nova (des)ordem da comunicação pública, os populismos encontraram chão fértil para renascerem, aproveitando dispositivos tecnológicos de acesso direto aos públicos, gerando fluxos comunicativos sem qualquer filtro ou poder mediador. No caso das *fake news*, as mediações tradicionais dos órgãos de comunicação são apenas evocadas como mero mimetismo para melhor manipular as mensagens e talvez a figura mais patológica desse universo seja o *bot*: mera tecnologia que replica mensagens, dando a ideia de uma opinião e de um público que, na realidade, só existem enquanto técnica e enquanto simulacro.
- 12 A imagem da suposta jovem mulher negra, brasileira, pobre, que surge durante a campanha a dar o seu apoio a Jair Bolsonaro – que na realidade representava uma jovem mulher, negra, mas canadiana, executiva de uma multinacional, cuja imagem foi colocada, anos antes, num arquivo de imagens, sem qualquer ligação ao Brasil –, mostra-nos como o “*ethos*” da comunicação está a mudar radicalmente na era da pós-verdade. A forma como os responsáveis de campanha de Bolsonaro procuraram naturalizar estes procedimentos, depois de descobertos e denunciados, tem por fim legitimar despididamente a mentira como valor argumentativo legítimo para alcançar os fins pretendidos.
- 13 O espaço que a mentira está a adquirir no espaço público contemporâneo não é independente das condições sociais que a acolhem, como salientam no seu estudo Egler Spinelli e Daniela Ramos sobre o caso brasileiro. Mas, como nos recordaria hoje Marc Bloch, retomando as suas “*fausses nouvelles de la guerre*” publicadas durante a I Guerra Mundial, as *fake news* merecem ser analisados mais profundamente, não apenas no que são mas também no que exprimem: “O erro propaga-se, amplifica-se, vive, enfim, com uma condição: encontrar na sociedade onde ela se expande um caldo de cultura favorável. Nela, inconscientemente, os homens exprimem os seus preconceitos, os seus ódios, os seus receios, todas as suas emoções fortes. Sós (...) os grandes estados de alma coletivos têm o poder de transformar uma má percepção numa legenda” (Bloch, 1921, p. 7).
- 14 **Sobre as (falsas) notícias**
- 15 Estas reflexões não deixam de nos interpelar acerca do ideal iluminista enquanto projeto ainda por cumprir – talvez porque eternamente inacabado –, quer na sociedade contemporânea, quer nos próprios princípios fundadores do jornalismo. Porém, essas reflexões servem-nos de ponte para o debate acerca da natureza própria das *fake news*, um tema naturalmente recorrente neste livro, que, no entanto, evita a questão sobre se o conceito representa algo de novo ou se apenas é um modismo para a velha expressão de desinformação. Não obstante isso, parece-nos legítimo concluir que o caldo social em que proliferam as *fake news* se alimenta do ecossistema mediático contemporâneo, nomeadamente das tecnologias de comunicação digital e das redes sociais, que dão uma expressão e um poder à desinformação nunca vistos no passado.
- 16 Mas as *fake news* e os *factos alternativos* não deveriam fazer-nos esquecer a sua dimensão também crítica sobre os próprios *media* e o jornalismo. Essa dimensão não decorre dos comentários de Donald Trump, durante a campanha eleitoral norte-americana que o levou à presidência dos EUA, ao classificar de *fake news* todos os conteúdos publicados pelos *media* que lhe eram desfavoráveis. Na sua mentira despudorada e na forma como

se dissimulam como notícia, existe nas *fake news* um elemento interpelador do jornalismo e dos *media* que nos leva a perguntar por que razão elas se confundem tanto com as notícias verdadeiras aos olhos do público. Muniz Sodré, Luís Umbelino, Thaís Jorge, Inês Amaral, Sofia Santos e, de forma particular, Fernando Zamith dão-nos alguns enquadramentos críticos para compreendermos como o jornalismo contribuiu também para a sua própria desvalorização e descridibilização, ao naturalizar narrativas desviantes, que se equivalem aos olhos do público, tornando verdadeiras e falsas notícias uma questão de ponto de vista.

17 **Sobre o jornalismo**

18 Os desvios mediáticos, nas suas versões manipuladoras da informação, sempre tiveram um lugar na história do jornalismo. Mas tanto ou mais perigosos do que estes desvios, que a história pode denunciar como maus exemplos, serão os enviesamentos que vão transformando práticas informativas em versões cada vez mais degradadas do que o jornalismo sempre pretendeu ser. As notícias reduzidas à sua dimensão de produto comercial descurando o serviço público da informação, as lógicas tecnológicas da instantaneidade da informação em detrimento do rigor, a procura do *clickbait* em desprezo pela defesa de uma certa ideia do que é publicamente importante, enfim, o infoentretenimento como modelo de narrativização do mundo são formas de desvalorização da comunicação pública, a cujas responsabilidades o jornalismo não se pode eximir. Num ecossistema comunicativo em que tudo parece equivaler-se, o jornalismo vai ter de delimitar as fronteiras entre o que é ou não notícia, o que é erro e o que é manipulação, o que é importante e o que é entretenimento ou propaganda, sob pena de se tornar verdadeiras falsas notícias.

19 Nesta linha de raciocínio, faz todo o sentido a reflexão de Sandra Marinho sobre a formação de jovens jornalistas. Porém, se existe algum consenso sobre o lugar das Ciências Sociais e Humanas na formação de jornalistas – como a investigadora da Universidade do Minho defende –, talvez tenhamos de aprofundar as questões referentes à obrigatoriedade e aos tempos dessa formação. Num domínio em que são exigíveis conhecimentos específicos das Ciências da Comunicação, conhecimentos genéricos das Ciências Sociais e Humanas, destrezas técnicas e tecnológicas e o domínio das linguagens do jornalismo, chegará o tempo em que as universidades, se não repensarem os seus modelos de ensino do jornalismo, serão também responsabilizadas pela formação que prestam e, por contágio, pela investigação que fazem. E, como já é notório com o recente caso da Covid-19, as *fake sciences* são o próximo grande objetivo dos populismos autoritários contemporâneos.

BIBLIOGRAFIA

Arendt, H. (October, 22, 1978). Hannah Arendt: From an interview. *The New York Review of Books*, 25(16). Disponível em: <https://www.nybooks.com/articles/1978/10/26/hannah-arendt-from-an-interview/> (Consultado a 7 junho 2020).

Bloch, M. (1921), Réflexions d'un historien sur les fausses nouvelles de la guerre. *Revue de Synthèse Historique*, t. 33. Disponível em: https://fr.wikisource.org/wiki/R%C3%A9flexions_d%E2%80%99un_historien_sur_les_fausses_nouvelles_de_la_guerre (Consultado a 7 Junho 2020).

AUTORES

CARLOS CAMPONEZ

Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX (CEIS20)

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (FLUC)

Colégio de São Jerónimo

Largo D. Dinis

3004-530 Coimbra

carlos.camponez@fl.uc.pt